

Representação identitária da mulher negra acima de 40 anos na telenovela “Sete Vidas”¹

Bárbara Tatiane de Avila²
Anelise Gazzaneo Carlos³
Flavi Ferreira LISBÔA Filho⁴
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil
Centro Universitário Franciscano, RS, Brasil

Resumo

O presente artigo propõe-se a refletir acerca da representação da mulher negra, com idade acima de 40 anos, na telenovela brasileira. O objetivo é compreender que sentidos são produzidos a partir da identidade de gênero e raça⁵ do papel da personagem Graça da novela Sete Vidas exibida pela Rede Globo de Televisão. Para tanto, a análise é realizada com base nas Estruturas de Sentimento de Raymond Williams (1979), verificando aquilo que ainda é residual no contexto histórico da mulher negra na telenovela, o que ainda é dominante e o que é emergente. A partir da análise entendemos que o discurso dominante presente na mídia é o da cultura branca ocidental de classe média-alta, e como residual, elementos de realidades vividas há mais de 100 anos atrás e que persistem não somente na novela, uma infeliz realidade que ainda é sentida pela mulher negra.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Identidade; Representação; Mulher; Ficção Televisiva.

Considerações Iniciais

Na comunicação audiovisual do Brasil, a televisão é o meio mais aceito e legitimado pela população brasileira, mesmo após a globalização e a criação de novas mídias. Segundo a pesquisa brasileira de mídia do ano de 2015, 95% dos brasileiros afirmam que assistem televisão, sendo que 73% assistem diariamente. Desta forma, entende-se que a televisão serve como instrumento para disseminar e atualizar uma cultura.

Portanto, o presente estudo procura analisar a representação da mulher negra acima de 40 anos na comunicação audiovisual brasileira, tendo como foco principal a personagem

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Autora do trabalho e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. E-mail: barpavila@hotmail.com.

³ Co-autora do trabalho e Aluna de MBA em Mídias Sociais Digitais no Centro Universitário Franciscano UNIFRA. E-mail: gazzaneocarlos@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: flavilisboa@gmail.com

⁵ Raça: definição originária do latim radius = raio com relação à linha de hereditariedade. Termo mais utilizado para classificação de diferentes grupos de humanos conforme suas similares transmitidas através da hereditariedade.

Graça da telenovela “Sete Vidas”. Esta ficção televisiva foi exibida pela Rede Globo de televisão, durante a faixa das 18 horas e tem como autora a escritora Lícia Manzon.

O estudo está alinhado aos Estudos culturais, valendo-se das Estruturas de Sentimento de Raymond Williams (1979) como operador analítico da cultura. Junto as estruturas foi realizada a análise de conteúdo proposta por Casetti e Chio (1999). Assim, com a metodologia definida, é possível compreender os sentidos que são produzidos a partir da representação da identidade da mulher negra em “Sete Vidas”.

As mulheres negras nessa faixa etária ainda são vistas como subalternas, deflagrando um discurso midiático inserido em uma lógica dominante. Buscando fontes para este estudo, percebemos que raras vezes a mulher negra teve o papel de protagonista ou atua como elenco principal nas ficções televisivas.

Analisaremos os sentidos produzidos pelos discursos da doméstica negra, de sua patroa e de uma terceira personagem que tenta ajudar a empregada, que nem sequer é alfabetizada. Notamos que alguns elementos reforçam a inferiorização da mulher, tais aspectos como estar quase sempre na cozinha, vestindo uniforme de doméstica, separada e com um filho ainda jovem para criar. Os sentidos que o discurso da criança produz por vezes se configura de forma diferente que o de sua mãe, por estar em uma situação de mudança.

Identidade e Representação

Estudar as representações que se fazem em torno das identidades na mídia é uma forma de entender os sentidos que se formam e circulam entre os meios de comunicação e os seus públicos. Segundo Woodward (2009, p.08), as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. Ou seja, nos cabe neste estudo entender a representação que é feita através da comunicação audiovisual brasileira, mais precisamente na ficção televisiva “Sete Vidas”, para entender a construção da identidade da mulher negra acima de 40 anos.

As narrativas de telenovelas ajudam a construir as identidades, tanto raciais, como de gênero ou sociais, e podem ser apropriadas ou não, pelo público, uma vez que estão inseridas na lógica midiática televisiva que abrange um grande número de indivíduos e grupos. A identidade pode ser construída a partir daquilo que é mostrado, que é dito, que é reforçado através do discurso. Imagens, cenas, contextos, palavras, gírias, expressões verbais, corporais e tantos outros elementos culturais podem servir de base para se

identificar determinada identidade. Ou ainda, para Woodward (2009, p.09) “a identidade é sustentada pela exclusão”, quer dizer, aquilo que não foi mostrado, o que foi silenciado, ignorado, deixado de lado, também reforça um processo de exclusão e conseqüentemente de identificação.

O questionamento gira em torno da razão pela qual a mídia opta por mostrar ou excluir determinados elementos, quando constrói narrativas que querem representar certa identidade. Refletindo sobre o objeto de estudo deste trabalho, nota-se que boa parte das ficções televisivas brasileiras ainda utilizam discursos que reforçam o racismo, pois a maioria do elenco ainda é de cor branca, e os papéis principais ainda são, em boa parte, representados por personagens brancos. Enfim, fatores que nos levam a perceber a exclusão do negro e, principalmente, da mulher negra, na representação de papéis de classe socioeconômica mais elevado.

Hall (2006) definiu identidades como velhas e novas, sendo que as velhas identidades são as anteriores às novas mudanças sociais, na qual a sociedade vivia estagnada e o sujeito era unificado. Para ele, as novas identidades aparecem com as novas mudanças nos processos e estruturas sociais no qual o sujeito fragmenta-se e desloca-se, deixando de ser estável e passando a ter novos papéis sociais e comportamentos.

O processo que Hall (2006) se refere é o da globalização que em relação a identidade cultural, subdividiu a sociedade entre “tradicional” e “moderna”. A sociedade moderna sofre constantemente por mudanças rápidas, enquanto a tradicional ocorre pela modernidade tardia, na qual o passado é valorizado, pois existe a experiência de diversas gerações precedentes. A globalização também está ligada ao processo de migração em que há um incentivo à dispersão dos sujeitos por motivos econômicos, como a oferta de emprego, essa a dispersão abarcou as produções novas e identidades plurais.

Para Castells (2001, p. 22) a identidade é o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. O autor compreende a identidade como uma fonte de definições e experiências de um grupo social, em que os atributos são sentidos que são construídos através da linguagem. A identidade se dá conforme o contexto histórico junto às informações que são processadas e reorganizadas pelo sujeito.

Para ele também, um determinado sujeito pode ter mais de uma identidade. As identidades podem ser construídas partindo de instituições predominantes, que somente

admitem essa condição se os sujeitos a internalizam e quando eles formam suas definições com base nessa internalização.

Segundo Sodré (1999, p. 34) “A identidade de alguém, de um si mesmo, é sempre dada pelo reconhecimento de um outro, ou seja, a representação que o classifica socialmente.” Assim, a identidade é definida conforme o outro e o que ele representa socialmente. Para ele a identidade é entendida em nível de identificação, em que ela é formada de maneira e por alguém conforme o outro, no qual ao mesmo tempo que inclui ela também exclui.

Cuchê (1999), em uma perspectiva mais estratégica da identidade, concebe a identidade em uma dimensão mutável, na qual ela é compreendida como uma ferramenta, uma forma para alcançar um objetivo, sendo ela relativa. Assim, o sujeito emprega os mecanismos da identidade de forma estratégica, no qual essas estratégias devem considerar o ambiente social, a relação de poder entre os grupos sociais e suas artimanhas.

A identidade é construída no meio social produzindo efeitos sociais, ou seja, ela ocorre dentro dos contextos sociais que estabelecem as posições dos sujeitos e deliberam suas escolhas e representações no social. Através da concepção de Barthes (1969) ele afirma que a identidade ocorre por meio da disposição das relações entre conjuntos sociais, em que ela se constrói/reconstrói a cada instante no centro das alternâncias sociais. Esta concepção se equivale a que Hall (2006) chama de moderna, em que alteridade e identidade possuem uma relação dialética, pois uma identidade sempre está em relação a outra identidade.

A representação, segundo Hall (1997), nada mais é do que a produção de significados que ocorre por meio da linguagem. A produção da representação se dá através do conceito imaginado por nós (pela nossa mente) por meio da linguagem.

Desta forma, Hall(1997) define dois sistemas de representação, o primeiro se refere às representações mentais que carregamos em nosso cérebro. O segundo sistema se refere à linguagem, pois é através dela que representamos e compartilhamos os conceitos que estão em nosso cérebro, mas os conceitos só podem ser compartilhados se haver um acesso comum da linguagem.

A linguagem, segundo Hall (1997), funciona como sistema de representação, pois é por meio dela que pensamentos, crenças e valores são representados em uma cultura. O autor segue a concepção de Thompson (1997), ao afirmar que os significados regulam e

organizam nossos comportamentos, colaborando no estabelecimento de regras, valores e normas na qual são coordenadas e administradas as nossas práticas sociais.

Para explicar como ocorre a representação, Hall (1997) define três abordagens: reflexiva, intencional e construcionista ou construtivista. Na abordagem reflexiva imagine-se que o significado se encontra no objeto, pessoa ou ideia da vida real, em que a linguagem funciona como um refletor ao refletir o verdadeiro significado do que já existe no mundo.

A segunda abordagem, a intencional, afirma que é o sujeito falante é que impõe ao mundo, por meio da linguagem, seu significado único. A última abordagem admite o caráter social e público da língua, reconhecendo que nem as coisas nem os sujeitos da língua podem estabelecer os significados, ou seja, as coisas não significam, pois estabelecemos o significado, empregando sistemas de representação. Nessa perspectiva, a representação abrange produção de significação maquiando elos entre três distintas ordens de coisas, são: o que geralmente chamamos de universo das coisas e das pessoas; o universo conceptual (utilizam os conceitos mentais); e os signos, arranjados nas línguas, que significam ou partilham estes conceitos.

Representação das mulheres negras acima de 40 anos na telenovela brasileira

A mídia tem grande interferência na sociedade, pois ela está presente na vida da maior parte da população mundial, seja através do rádio, da televisão ou da internet. Sendo assim, ela tem uma importante função na construção de identidades e de influencia nas culturas.

O poder de influência da televisão é grande devido à presença constante nas práticas sociais dos sujeitos. E por estar quase que onipresente, ela provoca o reconhecimento ao produzir e/ou reafirmar certas representações culturais. Dessa forma pode-se observar o desenrolar da representação da mulher e do negro, principalmente, na telenovela.

Pode-se perceber uma grande modificação nestas representações, pois antigamente nem sequer tinha alguma pessoa negra sendo representada na mídia, mas isso não anula o fato de nos dias de hoje estar colocando mulheres negras acima dos 40 anos atuando como empregadas domésticas. Estas representações estereotipadas reforçam preconceitos.

Após a análise exploratória sobre a representação da mulher negra acima de 40 anos, percebeu-se que todas as telenovelas da Rede Globo dos anos de 2014 e 2015, trazem empregadas domésticas como papéis de mulheres negras acima de 40 anos. Foi definido

como objeto de análise a novela “Sete Vidas”, com foco mais em uma das empregadas, a Graça⁶.

A telenovela “Sete Vidas” tem como autora Lícia Manzo, transmitida de segunda-feira a sábado e passa na faixa das 18 horas, durante os meses mais do ano tal. A trama se passa em torno de uma doação de sêmen realizada pelo protagonista ainda jovem, e que ao desenrolar descobre que tem seis filhos. Um dos filhos é Luis, casado com Branca, um casal de classe alta e que tem Graça como empregada doméstica, uma mulher negra, pobre, analfabeta que tem idade acima de 40 anos.

A trama conta ainda com outra empregada doméstica negra, considerada como “fiel escudeira” de sua chefe Guida que é uma mulher branca com idade parecida (acima de 40 anos) com a de sua doméstica Rosa⁷. Diferentemente de Rosa, que aparece como personagem e com certa frequência na telenovela, Graça nem sequer aparece como personagem na página da emissora⁸. A escolha de estudar Graça se deu pelo fato de na trama ter mais elementos para análise.



Branca faz Graça desistir das aulas com Esther

Figura 1: Em cena a personagem Branca esta conversando com Graça
Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/index.html>

⁶ <http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/personagens/>

⁷ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/personagem/rosa-thais-garayp.html>>. Acesso 16 jun 2015.

⁸ Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/index.html>>. Acesso 16 jun 2015.

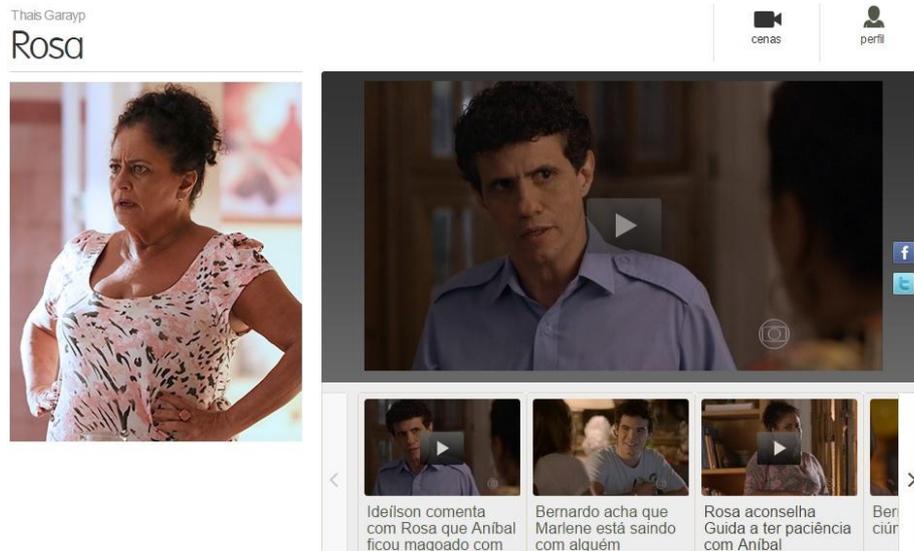


Figura 2: Descrição da personagem Rosa na página da emissora
 Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/personagem/rosa-thais-garayp.html>

Proposta metodológica

No trabalho se fez necessário utilizarmos como método a análise de conteúdo proposta por Casetti e Chio (1999) junto à estrutura de sentimento de Raymond Williams (1979). Esta metodologia foi escolhida por ser a mais apropriada para atingir os objetivos do estudo.

A análise de conteúdo foi utilizada para se ter um primeiro contato com o objeto de estudo. Através dessa análise, foram definidos os textos que trabalhamos, definimos o problema e as hipóteses a serem estudadas. A partir dela, foi estabelecido como protocolo analítico as estruturas de sentimento de Raymond Williams (1979). Entende-se a análise de conteúdo:

El análisis de contenido comprende un conjunto de técnicas de investigación empírica, destinadas a estudiar los contenidos recurrentes de una determinada muestra de texto (en este caso televisivos). (CASSETTI E CHIO, 1999, p. 235)

A estrutura de sentimento de Raymond Williams (1979) é utilizada como operador analítico, buscando compreender os sentidos produzidos pelo objeto desse estudo. Esse conceito procura entender as estruturas como as práticas sociais e concepções humanas que se articulam com modos de produção social, produzindo sentidos que geram a experiência vivida. Assim, para compreender as articulações socioculturais, o autor divide a estrutura em categorias por meio de aspectos temporais, sendo eles: residual, emergente e dominante.

Na estrutura de sentimento dominante é o que prevalece entre os indivíduos em uma cultura, ou seja, é o que as pessoas reconhecem como práticas efetivas pertencentes à cultura. Neste caso, encontram-se elementos culturais do presente, que um dia foram residuais.

Seguindo Gomes (2011), como residual estão os aspectos que foram construídos no passado e ainda estão predominantes no presente. Raymond Williams (1979) entende aqui aspectos que foram construídos no passado e que ainda continua no presente na atualidade, como alguns valores e crenças.

Na estrutura, em emergente encontram-se os novos elementos se contrapõem com os dominantes. Para Williams (1979), emergente no sentido de rigor, em que os novos elementos como significados, valores, práticas são difíceis de saber se realmente pertencem a uma nova fase da cultura dominante “É verdade que na estrutura de qualquer sociedade real, e em especial em sua estrutura de classes, há sempre uma base social para elementos do processo cultural que são alternativos ou opostos aos elementos dominantes.” (WILLIAMS, 1979, p. 127).

Análise com base nas estruturas de sentimento

Foram analisadas 10 cenas em que a personagem Graça aparece na novela Sete Vidas. As cenas foram escolhidas por se tratar de momentos em que a personagem é colocada em situações constrangedoras, de exposição e também cenas em que ela aparece sendo alfabetizada.

Com uma leitura realizada a partir das Estruturas de Sentimento de Williams (1979), iremos mostrar aquilo que é dominante, o que é residual e o que ainda é emergente dentro do contexto da representação da identidade da mulher negra na telenovela.

Para Williams (1979, p.124) a “ênfase nos traços e características dominantes e definitivas é importante e, com frequência, na prática, efetiva.” O principal elemento dominante no objeto de estudo aparece no discurso produzido pela personagem Branca, dona da casa em que a empregada negra trabalha. Em todos os momentos, a patroa se coloca com superioridade perante Graça, submetendo a optar por trabalhar e não poder aprender a ler e escrever, nas suas aulas com Esther (sogra de Branca).

Tudo leva a crer que até mesmo o nome designado a personagem de classe alta e dona da casa, “Branca”, possui um peso no discurso desta ficção televisiva, uma vez que a

empregada negra se remete à ela como “Dona Branca”. Sabemos que nenhum discurso produzido pela mídia é ingênuo, e, por isso, podemos perceber o quão dominante se faz a representação do branco como papel principal.

“Por ‘residual’ quero dizer alguma coisa diferente do ‘arcaico’, embora na prática seja difícil, com frequência, distingui-los. Qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável” (WILLIAMS, 1979, p.125). Neste sentido, entende-se o residual como aquilo que traz o passado em suas representações atuais.

No que se refere a este estudo, podemos perceber a presença residual da cultura negra como aquela inferiorizada, revelando aspectos de um passado distante (ou não) dos negros que nem sequer podiam ser alfabetizados porque eram submetidos a duras rotinas de trabalho, escravizados. Estamos aqui falando de um passado distante por se tratar de algo histórico, que é a raça negra como escrava do homem branco. Sabemos que a Lei Áurea, que assinou em 13 de maio de 1888 a libertação dos escravos, foi apenas o pequeno e primeiro passo para um longo e inacabado processo de reconhecimento do negro como homem, como indivíduo, como um ser humano com direitos.

Apesar do número de personagens negros ter aumentado na ficção televisiva brasileira, na grande maioria dos casos da representação racial, criam-se contextos em que o negro é inserido, como por exemplo, no analisado neste artigo, da mulher como empregada e analfabeta. Não raramente, outros papéis são associados a ambientes de favelas, bairros de periferia em que a mulher negra gosta de samba, atende em bares, e se percebe inclusive assédios contra essas mulheres, em que muitos desses assédios não são considerados como tal ou passam despercebidos na própria telenovela.

“O residual por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1979, p.125). Ou seja, o processo de subjulgamento da cultura negra na mídia como uma cultura de fato, é considerado como residual, visto que possui marcas de um longo processo que ainda ocorre no século XXI.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu art. 3º, inciso IV, garante a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras, formas de discriminação. O inciso 42, art. 5º, trata da prática do racismo como forma inafiançável e imprescindível; e o § 1º do art. 215 traz a proteção das manifestações culturais. Neste sentido, podemos perceber que nem sempre o que está no papel é

efetivamente posto em prática no dia a dia. Vemos cenas de preconceito racial ocorrer em ambiente de trabalho, lazer e representada na mídia através da ficção televisiva como nas telenovelas, nos comerciais, entre outros produtos televisivos. É residual por se tratar de uma cultura que abrange quase metade da população brasileira e mesmo assim ainda não se pode dizer que é dominante, porque ainda não conseguiu forças para se caracterizar como tal, como assegura a lei, e talvez podemos pensar que nem ao menos sabemos se isto um dia irá se efetivar.

Na novela *Sete Vidas*, a personagem Graça possui idade acima de 40 anos e não sabe ler e escrever. As cenas mostram uma mulher humilde, separada, com um filho ainda jovem para criar, que depende do seu salário como doméstica para sobreviver. A personagem Esther tenta lhe alfabetizar, oferecendo-lhe aulas em horário antes do seu turno de serviço, mas Branca, a dona da casa, não aceita porque acredita que isso irá interferir no rendimento do seu trabalho doméstico. Percebe-se discursos residuais de um período em que o negro era escravo, apenas trabalhava e não podia alcançar um status social, econômico e político mais elevado.

Branca também não gosta de ver seu filho brincando e estudando com o filho da empregada, chegando a dizer em uma cena que ele está sendo *diminuído* quando Esther quer promover melhores condições de estudo para o menino negro.

A exclusão neste sentido, deflagra a construção de uma identidade inferiorizada, até mesmo não reconhecida por parte de uma personagem que faz parte da cultura dominante: a branca, de alto poder aquisitivo, a qual é a pagadora do salário da doméstica negra. Seu discurso sempre enfatiza estas representações.

Já em se tratando de emergente, Williams (1979, p.126) entende por “novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação que estão sendo continuamente criados”. Os discursos produzidos no núcleo da telenovela analisada nos permitem uma compreensão de que para entender o que é emergente e o que é residual precisamos traçar um ponto de partida, ou então um ponto referencial.

A doméstica, por exemplo, aparece em quase todas as cenas, na cozinha, lugar em que trabalha e ao mesmo tempo tem aulas de alfabetização. Já seu filho, amparado muitas vezes pela personagem Esther, convive com o filho de Branca, e nas cenas, os meninos aparecem estudando juntos, brincando, conversando. Em uma cena analisada, o menino negro ensina o outro menino matemática, explicando-lhe um cálculo de divisão dando como exemplo um bolo que está em cima da mesa. Na cena aparecem junto com os mesmos

Esther e Graça, que após terminarem os estudos, saem para a sala brincar e elas comentam sobre a inteligência do menino em associar o cálculo a algo simples e prático do dia-a-dia.

Assim, percebe-se o sentido que se produz nestes discursos sobre a representação da identidade negra depende do referencial que está posto em evidência. O menino representa uma nova fase daquele contexto, um jovem que está tendo a oportunidade de estudar, de conviver com pessoas estudadas e com a ajuda de Esther poderá sair daquela situação futuramente.

“Como estamos sempre considerando relações dentro do processo cultural, as definições do emergente, bem como do residual, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante” (WILLIAMS, 1979, p.126). Ou seja, o discurso de Branca será dominante em relação à doméstica e ao seu filho, no entanto, os sentidos que circulam desses dependerá do contexto da cena e de quem se apropria da fala.

Entendemos que a representação depende da referência em que é articulada. Como exemplo, o nosso objeto de estudo deve ser analisado a partir dos discursos entre Graça e Branca, e entre Graça e Esther. No primeiro caso, nota-se a dominação sob a empregada, o que não ocorre no segundo, pois Esther tenta ajudar Graça. Assim, traços emergentes são revelados quando o menino, até então mostrado como o filho da empregada, é capaz de ensinar matemática ao filho da patroa.

Uma das dificuldades para a classificação do negro hoje no Brasil é a autodeclaração, medida adotada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em que a pessoa deve escolher entre cinco itens: branco, preto, pardo, amarelo e indígena, qual deles se considera. A população negra é a soma dos que se autodeclararam pretos e pardos. De acordo com o Pnad⁹ (Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios) de 2013, a população negra do país passou de 48,1% em 2004 para 53% em 2013. Em dez anos, a população autodeclarada preta no país cresceu 2,1 pontos percentuais, passando de 5,9% do total de brasileiros em 2004 para 8% em 2013. O mesmo aconteceu com o número de pessoas autodeclaradas pardas.

O crescimento desses números pode estar associado a diversos fatores, dentre eles políticas públicas adotadas pelo governo federal, tais como as cotas para negros em vagas de cursos de ensino superior nas universidades federais e concursos públicos. As cotas, assunto polêmico que não cabe neste trabalho discutirmos mais a fundo sobre seus prós e

⁹ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso 19 jun 2015.

contras, têm seu mérito como incentivadoras para tantas pessoas até então excluídas do ensino público superior, devido a fatores de base sociais, culturais e econômicos.

Neste sentido, a mídia tem o papel de mostrar os benefícios, explicar como se chegou ao entendimento das cotas, e porque esta medida é necessária em tempos atuais.

Outra importante função da mídia, bem como do governo, é de criar e divulgar campanhas que valorizem a mulher negra, e defendam seus direitos. Segundo relatório da Unicef¹⁰, “as relações dominantes de gênero e de raça, por sua vez, se evidenciam pelo fato de que a grande maioria das vítimas é formada por mulheres negras e pardas”. Ou seja, caberia à mídia a ajudar a transformar esta realidade, empoderando-se de discursos formadores de opinião, que evidenciassem as potencialidades da mulher negra como mãe, esposa, dona do lar, mas também como gerente, professora, administradora, engenheira, médica, enfim, com uma profissão, independente.

Considerações Finais

Sob a perspectiva dessa análise percebe-se que ainda vivemos em uma sociedade com muitos preconceitos, principalmente étnico-raciais. Por mais que a luta contra o preconceito racial tenha tido muitos ganhos de mais ou menos um século para cá, ainda há muito preconceito que não vem só de aspectos cotidianos, mas midiáticos, pois a mulher negra acima de 40 anos ainda é retratada na telenovela como sendo a empregada doméstica, e que quase nunca aparece em cena.

Sabemos que muito já foi discutido em trabalhos anteriores sobre a representação da mulher negra em ficções televisivas. Todavia, este é um tema atual, pois ainda convivemos com estereótipos e discursos que inferiorizam a mulher negra.

Percebemos, com este estudo, que muito já foi ganho através do movimento negro e das lutas pelo reconhecimento de sua cultura, porém, quando nos deparamos com cenas como as vistas para este trabalho, de uma telenovela das 18h de uma das maiores emissoras de televisão mostrar uma empregada negra analfabeta sofrendo preconceito dentro do próprio ambiente de trabalho, questionamos até que ponto a comunicação audiovisual brasileira tem exercido sua função social de debater questões de gênero, raciais, sociais etc.

Não ingenuamente esta mulher foi escolhida para interpretar este personagem, no entanto, porque não ser o contrário: a mulher negra, com aparência física comum, como a

¹⁰ Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf>. Acesso: 20 jun 2015.

dona da casa e uma mulher branca, magra e alta, como empregada? Que discursos estão por trás desta representação?

A partir da leitura feita com as estruturas de sentimentos entendemos que o que se faz presente na mídia hoje é um discurso dominante da cultura branca ocidental de classe média-alta, e residual, que denuncia elementos e realidades vividas há mais de um século atrás e que, quando olhamos para nosso contexto social, percebemos que não é apenas na telenovela, mas uma triste realidade que ainda é vivenciada pela mulher negra.

Da mesma forma como se configura como emergente, quando jovens negros tentam ingressar no ensino de qualidade, construindo profissões até alguns anos atrás jamais ocupadas por pessoas negras.

Referências bibliográficas

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília : Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2016.

CASETTI, Francesco; CHIO, Frederico. **Análisis de la televisión:** instrumentos, métodos y prácticas de investigación. São Paulo: Summus, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru, Edusc, 2002.

GOMES, Itania M. M. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: GOMES, I.M.M; JANOTTI JUNIOR, J. **Comunicação e estudos culturais.** Salvador: Edufba, 2011.

HALL, Stuart. (Org.) **The Work of Representation.** *Cultural Representations and Signifying Practices.* Sage/Open University: London/Thous and Oaks/New Delhi, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 [1977].